



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Identidades, Valores e Modos de Vida

LÓGICA DO CONCRETO, LÓGICA DO SIGNIFICADO: ASSIMILAÇÕES NUAÑÇADAS DE OBJETOS E MODOS NA OBRA DE GILBERTO FREYRE

FREITAS, Isabella Mendes

Doutoranda em Sociologia

Instituto de Estudos Sociais e Políticos – Universidade Estadual do Rio de Janeiro
isamenfrei@yahoo.com.br

Resumo

A intensidade e extensão dos contatos culturais, tornados mais freqüentes e velozes, mas não menos conflituosos e complexos, têm levado sociólogos a buscar modos de olhar mais generosos à capacidade dos povos criarem maneiras próprias de assimilação do Outro. Parte da obra de Gilberto Freyre, menos conhecida do que a clássica trilogia do autor – *Casa Grande e Senzala* (1933), *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Ordem e Progresso* (1959) – oferece este olhar, sob o qual se desvelam nuançadas trocas entre sociedades com distintas visões de mundo. Neste trabalho, que é parte da tese de doutorado em andamento, constitui objeto de estudo a análise de Freyre das influências francesa e britânica sobre a cultura brasileira em *Um Engenheiro Francês no Brasil* (1940) e *Inglese no Brasil* (1948), em contraste com *Sobrados e Mucambos*. Nas obras dos anos 1940, o foco recai sobre a influência técnica e material transmitida cotidianamente por personagens “menores” da história íntima brasileira. Aqui, Freyre ressalta criativos processos de *tropicalização* em um tipo de *revolução macia*. Difere assim do diagnóstico vislumbrado ao final de *Sobrados e mucambos*, em que a reeuropeização do Brasil aparece como estetização totalizadora, que ameaça o *equilíbrio de antagonismos* próprio à assimilação luso-tropical. Este tipo de revolução fez Freyre vislumbrar o futuro do Brasil como nação exemplar ao mundo, triunfando, na trilha dos britânicos, “nas artes de combinar e fazer interpenetrar contrários”.

Abstract

The intensity and extent of cultural contacts, made more frequent and fast, but no less complex and conflicting, have led sociologists to seek ways to look more generous to the ability of people to create their own ways of assimilation of the Other. Part of the work of Gilberto Freyre, less known than the author's classic trilogy – *The Masters and the Slaves* (1933), *The Mansions and the Shanties* (1936) and *Order and Progress* (1959) - offers this look, under which are unveiled nuanced exchanges between societies with different worldviews. In this text, which is part of the doctoral thesis in progress, the object of study is the analysis of Freyre about French and British influences on Brazilian culture in *A French Engineer in Brazil* (1940) and *English in Brazil* (1948), in contrast to *The Mansions and the Shanties*. In the works of the 1940s, the focus is on the influence of technical and material transmitted daily by 'minor characters in the intimate history of Brazil. Here, Freyre emphasizes creative processes in a soft kind of revolution. Thus differs from the diagnosis glimpsed at the end of *The Mansions and the Shanties*, where the aestheticized European's colonization of Brazil appears as totalizing, contrary to the balance of antagonisms which characterizes the assimilation Luso-tropical. This kind of revolution Freyre did see the future of Brazil as an exemplary nation to the world, triumphing on the trail of the British, “to combine the arts and make interpenetrating opposites”.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; equilíbrio de antagonismos; sociologia dos objectos, estrangeiros no Brasil

Keywords: Gilberto Freyre, balance of antagonisms, sociology of objects, foreigners in Brazil

PAP0957

Abertura

Compreender o impacto do contato cultural com as diversas influências estrangeiras e explicar o desenvolvimento do etos e do caráter do povo brasileiro foi e ainda é tema de diversas interpretações e metodologias que formam o Pensamento Social Brasileiro. Intérpretes diversos oscilaram entre uma caracterização da adoção de instituições e hábitos europeus pelos brasileiros como processo violento, homogeneizador e unilateral, e uma perspectiva mais dialógica, variada, harmonizadora, *tropicalizada* dos nossos modos de assimilação cultural.

Tratarei deste intérprete que se deslocou entre as duas perspectivas. Gilberto Freyre (1900-1987) percebeu no início do processo de abertura dos portos brasileiros a presença de um “sistema de objetos” inundando a vida brasileira com uma lógica própria e conferindo a ela uma ordem de forte caráter estético. Com isto, vieram novos tipo e estilos de vida, de conforto, de arquitetura, de trabalho, ofícios para os quais não estavam aptos o artífice do engenho, o mulato livre, o operário da terra, mas apenas o estrangeiro. Para o autor, o nativismo gritou, mas o técnico europeu acabou triunfando. (cf. FREYRE, 2000b, p. 369)

Segue a esta observação, presente em *Sobrados e mucambos* (1936), outro tipo de caracterização da entrada de objetos no país em um segundo momento, entrada vista agora como fragmentária, diferente, portanto, daquela totalidade que se instaurou de maneira descontextualizada tal qual uma *coleção*. Em obras posteriores, Freyre mostra como os objetos passam a entrar no país de forma individual, problematizando o que já existia antes em um processo de negociação complexo entre a cultura local e a estrangeira. Sob as duas perspectivas, o estudo do impacto de tais encontros para nossa formação torna-se possível pela análise do mosaico variado, colorido e difuso dos traços materiais trazidos na atividade colonizadora.

Em *SM*, em que os processos de acomodação não se referem somente aos contatos com o exterior, mas aos brasileiros de diferentes raças e classes, Gilberto, acusado de *materialista*, faz sua defesa, afirmando que sua acentuação sobre os objetos materiais não decorre do “desprezo pelos valores invisível e requintadamente intelectuais e espirituais, mas por considerar os chamados “objetos materiais” – inclusive móveis, trajos, alimentos – reflexos das chamadas “realidades imateriais”, nunca ausentes dos mesmos objetos”. (FREYRE, 2000b, p.507) Nos usos práticos e triviais dos objetos é que Freyre captura processos inteiros de mudança e cristalização, de apropriação e adaptação, de assimilação e resistência, entre as diferentes culturas em jogo. Na construção de uma história social e de uma história da vida privada, o autor utiliza de procedimentos pouco visuais, como a enumeração caótica, partir da exploração de fontes marginalizadas, como os anúncios de jornais, cartas e diários de personagens *menores*. Os objetos permitem à Freyre qualificar o processo civilizatório brasileiro, entender a passagem do *equilíbrio de antagonismos* para a *interpenetração de antagônicas*, ou a passagem de um modo radical, brusco, da chegada de influências estrangeiras no país, que ameaçava a convivência harmoniosa de particularismos ao final de *SM*, para um modo de apropriação de costumes, ideias e até de paisagens estrangeiras que mostra a particularidade da lida *suave*, da *revolução branca, macia*, em *Inglese no Brasil*, de certo modo em *Um engenheiro francês no Brasil* e outras obras a serem verificadas.

Este equilíbrio de antagonismos que aparece, variando, nas duas perspectivas, se refere a um elemento-chave na obra de Gilberto Freyre que marca um novo modelo de abordagem para a história brasileira, cuja centralidade para a compreensão de *Casa Grande & senzala* foi realçada em *Guerra e paz* por Ricardo Benzaquen de Araújo (1994). Benzaquen mostra como o equilíbrio de antagonismos está associado à dualidade, à imprecisão, à heterogeneidade, tanto biológicas quanto espirituais, dos nossos colonizadores portugueses (ARAÚJO, 1994, p. 45). A manutenção dos incontáveis equilíbrios, que em *CGS* perfazem um jogo de proximidade e despotismo numa complexa relação entre senhores e escravos, estaria associada à ideia de *trópico*, referente ao clima das terras colonizadas.

Ora, se trópico implica excesso, creio que nem será necessário que recordemos aquela já discutida inclinação neolamarckiana de Gilberto, transformando de certa forma condições físicas e geográficas em culturais, para que percebamos que essa figura, tradução moderna da *hybris* grega, termina por impregnar o conjunto da vida social da casa-grande, convertendo-se em uma das categorias mais importantes para a sua adequada compreensão. (ARAÚJO, 2005, p. 58-59)

Assim, Araújo sustenta que a *hybris* que caracteriza o colonizador português se acomoda perfeitamente aos trópicos, realçando sua miscibilidade e calor, sem descartar o despotismo das relações coloniais. Esta *hybris* abarcaria ainda uma justificativa lógica e instrumental, pois teria sido fundamental para superar fortes entraves à colonização, seja através da criação de *zonas de confraternização* entre senhores e escravos, seja pela criação de “rebanho e capital” através das relações sexuais entre estes, solucionando o problema da insuficiência de braços escravos para a lavoura açucareira. Por outro lado, o excesso de calor, tanto no clima quanto na sexualidade, traz dificuldades e malefícios, tais como os inúmeros desafios impostos na agricultura ao português e as doenças e vermes a que ficam expostos. Intimidade e despotismo, calor e racionalidade, excesso e escassez, vida e morte. Dessa maneira, Araújo (1994) vai desdobrando em diversos outros elementos esta qualidade fundamental, a de uma acomodação de contrastes variados que irá conferir uma “liga” à mistura que caracteriza o processo de colonização. É notável que a noção de antagonismos em equilíbrio, central em *CGS*, permanecerá, porém ganhando novos contornos e referências, nas obras posteriores. O que pretendo ressaltar aqui é como esta noção perpassará *SM* como uma arriscada perda decorrente da ordem estetizante imposta pelo sistema de objetos, e nas obras sobre ingleses e franceses a retomada de uma noção positiva das combinações mais suaves e acomodatórias entre culturas.

2. A ameaça ao equilíbrio de antagonismos em *Sobrados e Mucambos*

O equilíbrio de antagonismos em *SM* é realçado por Gilberto na caracterização do primado português ou ibérico de cultura no Brasil, portanto antes da transferência da Corte para o Rio de Janeiro, primado este que nunca foi “exclusivamente europeu mas, em grande parte, impregnado de influências mouras, árabes, israelitas, maometanas” (FREYRE, 2000b, p.456), tendo em vista o caráter indefinido e instável de nossos colonizadores, capazes de “aceitar as mais diversas influências, inclusive de ordem física, sem dissolvê-las e fundi-las em um esforço de síntese, conservando-as lado a lado, como água e azeite” (Araújo, 1994, p.151). Por esta particularidade é que até o início do século XIX tantos orientalismos como “a telha côncava, o bangüê, a rótula ou a gelosia de madeira, o xale e o turbante de mulher, a casa caiada de branco ou pintada de cor viva e em forma de pagode”, entre outros, “havia se aclimado com o mesmo à-vontade que no Brasil; e formado com valores indígenas, europeus e de outras procedências o mesmo conjunto simbiótico de natureza e cultura que chegou a formar no nosso País”. (FREYRE, 2000b, p. 455-456)

Este equilíbrio torna-se ameaçado por um processo solapador dos exclusivismos. Gilberto assinala, da parte dos brasileiros, um tipo de obsessão com os “olhos dos Estrangeiros”, olhos da Europa, do Ocidente, burguês, industrial, carbonífero, com cujos estilos de cultura, modos de vida, paisagem, chocavam-se com as nossas, impregnadas de sobrevivências do Oriente. A princípio, as influências orientais teriam se estabelecido no sistema cultural luso-brasileiro como uma vingança contra o conquistador ocidental. Como se tivessem “transplantados para cá pedaços inteiros e vivos, e não somente estilhaços ou restos, dessas civilizações extra-européias; e utilizado o elemento indígena como o grude humano que ligasse à terra todas aquelas importações da África e da Ásia, e não apenas as européias.” (idem, p. 336). Pouco a pouco esses pedaços de cultura vão se tornando vestígios, até, quem sabe, desaparecerem por completo em uma unidade excludente. Araújo (1994, p.183) caracteriza esta transformação como a passagem para uma “*hybris fria*, característica da vontade de ordem e de coerência que acompanhou a reeuropeização do País”, e que se estabeleceu numa obsessão pela *distância* e pela *diferenciação*.

Neste sentido, a reeuropeização teria se verificado pela assimilação da parte de raros, imitação da parte do maior número, e por coação e coerção, como será visto abaixo no caso das substituições feitas por ordem do governo (cf. FREYRE, 2000b, p.336). Tais gradações de apropriação são atribuídas à classe e à raça, por exemplo. Mulheres brancas que aderem primeiramente ao uso de chapéus ingleses e franceses, enquanto as negras persistem no uso de turbantes orientais. Caboclos da terra que se esforçam para montarem a cavalo, arte dentro das tradições europeias de cultura eminentemente aristocrática. No uso de cachorros de caça como guias ou companheiros, assim como o uso de armas, regalias de homens livres. No abuso aristocrático do fumo, hábito originário deles, ameríndios, rivalizado agora com os homens brancos: a diferença estava na qualidade do fumo e no modo de conduzi-lo, em bocetas de ouro entre fidalgos, cornimboques de chifre e caixinhas de lata dos roceiros, escravos e pobres da cidade. (cf. FREYRE, 2000b, p. 394-396).

Na diferenciação sexual estabelecida por Freyre em *SM*, a mulher é tida como elemento conformista e coletivista da sociedade, sendo responsabilizada por nossa estabilidade social. O homem, ao contrário, seria o elemento do individualismo e da diferenciação social, com tendências para divergir. Daí se explicaria a demora no desaparecimento das modas orientais, pois as mulheres continuaram a usar por muito tempo os leques, vestidos, lenços, penteados e a maneira de se sentar sobre as pernas cruzadas, assim como a comida e outros elementos vinculados à esfera doméstica. As perturbações das modas femininas teriam sido trazidas pelos rapazes que iam estudar nos centros europeus. “Nos trajes, nos usos, nas modas, nas maneiras, só se aprova o que é francês; de sorte que já não temos uma usança, uma prática, uma coisa por onde se possa dizer: isto é próprio do Brasil”, são as palavras do Padre Lopes Gama (cf. FREYRE, p.2000b, p.134-135).

Progressivamente, as mulheres brasileiras, mais próximas do ideal mouro da mulher gorda e bonita, frágil, banzeira, criada em alcova ou camarinha, cercada apenas dos filhos e mucamas, entrariam em conflito com as modas ocidentais. Mulheres magras, ossudas, angulosas, com um gênero de vida diferente. As brasileiras não deixaram de sofrer esteticamente com o ridículo dos vestidos ultrapassados a elas vendidos como novidade, com modas que não caíam bem nos seus corpos redondos, com espartilhos que lhes deformava o corpo e causavam sérios problemas respiratórios. A causa de tantas doenças que acometiam as mulheres era a falta de adaptação do traje da classe alta ao clima tropical, principalmente no traje da moça de sobrado, que no século XIX se reeuropeizara exageradamente. É certo que há também a incorporação, por influência de estrangeiras, de hábitos menos sedentários e passivos, mais livres e saudáveis, de mulheres que andavam a pé nas ruas, que iam às lojas fazer compras, acompanhavam o marido ao teatro, jantares, corridas de cavalo, jogos de bola; que andavam a cavalo quase à maneira dos homens. Mas Freyre assinala que os meios de expressão da mulher patriarcal e já burguesa continuaram no Brasil da primeira metade do século XIX insignificantes, em uma sociedade que se afirmava como *aparentemente européia*; porém de homens *unilaterais* na sua obra política, literária, científica. (cf. FREYRE, 2000b, p.144). Escrava dos vestidos e exterioridades, a mulher tornar-se facilmente escrava do homem.

Quanto aos problemas de urbanização, estes seriam resolvidos através de um processo civilizador ocidental cuja versão brasileira realçou a obsessão pela ordem redundando na extinção daquele calor que, mal ou bem, emanava da nossa promíscua e anárquica experiência colonial. (cf. ARAÚJO, 1994, p.183). As construções dos sobrados passam ao alinhamento regular das testadas, não mais postas “a esmo ou à toa”. E a ordem que impera nesta urbanização confere uma espécie de defesa da rua contra os abusos dos sobrados, que se instalaram nas cidades com os mesmos “modos derramados”, com as mesmas arrogâncias da casa-grande, fazendo da rua sua serva. Para os ocidentalistas, o Brasil necessitava de “desassombramento”: nas cidades, com ruas largas a substituir becos orientalmente estreitos; nas igrejas, das capas, xales, das senhoras, substituídos por finos véus franceses; no rosto dos homens, nas barbas e cabelos; na iluminação das ruas; nos costumes, maneiras, hábitos, gestos, relações entre homem e mulher e entre pai e filho. (cf. FREYRE, 2000b, p.461) Assim o processo de reeuropeização brasileira é caracterizado por Freyre a partir do empalidecimento do elemento asiático, africano ou indígena a partir das novas modas. O uso das cores fortes nos trajes, casas, interiores de igrejas, foi se acinzentando com o contato com a Europa; tornando-se excepcional. Foi substituído pelo uso do preto e azul escuro da civilização européia, “coloração protetora” do industrialismo capitalista. O uso do preto daria às cidades do Império uma impressão de luto fechado, não apenas retórica: a mortalidade subiu com as primeiras manchas de reeuropeização, com o aumento de doenças causadas pelos hábitos inadequados ao clima brasileiro.

A mudança daquela *acomodação poética* dos anos iniciais de colonização (cf. FREYRE, 1963) para uma ordenação estetizante se relaciona aqui à categoria *coleção*, no sentido de que os objetos, destituídos de valor de uso, passam a ser introduzidos como uma totalidade dotada de lógica própria, a-histórica e deslocada de sua origem. (cf. STEWART, 2007, pp.151-153). Assim ocorre o processo civilizador brasileiro segundo *SM*, como um movimento de ruptura com a origem e de implementação descontextualizada, totalizadora e estritamente estetizante de objetos no ambiente tropical.

3. A passagem para as acomodações macias e novos olhares

Nas obras subsequentes aqui realçadas – *Inglese no Brasil* e *Um engenheiro francês no Brasil* – que enfatizam meados e fim do século XIX, a chegada de objetos e hábitos ressurgem “à francesa”, ou “para inglês

ver”, ou seja, não vai do equilíbrio para a totalidade excludente, mas do equilíbrio para a interpenetração de antagônicas. Os objetos são agora introduzidos individualmente, sofrendo processos de resistência, bem como de recepção criativa e adaptação tropicalizada. Ao contrário do olhar obsessivo de *SM*, uma espécie de reciprocidade do olhar ganha lugar, levando Gilberto a insistir na proficuidade e necessidade de um estudo aprofundado sobre o outro lado do processo: as influências brasileiras sobre os estrangeiros.

A abordagem da substituição das gelosias pelo vidro mostra, porém, como é complexa essa variação, tanto da passagem do orientalismo luso-brasileiro para a ocidentalização do país, como a passagem do olhar da entrada de influências em blocos de *SM*, para a revolução macia de *IB*.

As gelosias de madeira, que prevaleciam em diversas cidades do Brasil, como Rio de Janeiro, Recife e Salvador, foram apontadas como bárbaras, góticas, turcas, que se prestavam a “esconderijos de assassinos”, dando aos frontões das casas aparência pesada e suspeita, e aos seus habitantes, impressão de pouca sociabilidade, indignas, portanto, de uma cidade que buscasse se europeizar. Daí os supostos motivos para serem trocadas pelo vidro e ferro, a partir de um edito de 1808. (cf. FREYRE, 2000a: 200-201). No dia seguinte ao edito, uma abundância de vidro inglês passa a ocupar os armazéns e lojas do Rio de Janeiro e Pernambuco, revelada pelos anúncios de jornal que começam a destacar a superioridade material e *moral* do uso dos vidros nas casas, sobrados, carruagens, varandas.

Mesmo em *IB*, Freyre reafirma a tese de que o edito seria fruto de um acordo entre ingleses e brasileiros, como o anglófilo D. Rodrigo de Souza Coutinho, favorável ao interesse comercial britânico, que concorreu para “sufocar no nosso país o que começava a haver, entre nós, ao findar do século XVIII e surgir do XIX, de policultura social e economicamente saudável”. É realçado também o fato de que as gelosias sofreram “destruição violenta”, feita por ordem do governo, resultando em uma revolução não apenas estética como psicológica (cf. idem: 200 e 213).

Entretanto, Gilberto irá mostrar como este caso das gelosias não teria apenas causas ligadas a interesses imperialistas ingleses, nem efeitos estritamente paisagísticos, tampouco reações apenas de oposição na vida brasileira. Em primeiro lugar, a ordem para adotar o vidro e as varandas de ferro “foi obedecida por uns moradores com gosto, por outros com má vontade” (FREYRE, 2000a, p.201). Assim, se reações oposicionistas à anglicização das casas brasileiras apontassem para a inadequação e exagero do uso dos vidros nas casas já claras e frescas o bastante nos trópicos, o material parecia se assentar muito bem nas casas, por exemplo, de Recife. Os novos materiais ganham usos criativos e adequados no Brasil, combinando com nossa paisagem e o novo estilo de vida que se estabelecia. Além disso, eles têm efeitos inesperados: deixando mais exposto ao público o interior da casa, fazem com que seus habitantes passem a se preocupar também com seus móveis e modos, que são renovados segundo o gosto europeu, de maneira sempre adaptada e desigual. Por último, a venda de vidros para o Brasil não atendia apenas à fabricação das novas janelas, mas correspondia também à chegada de lentes para óculos e lunetas, e “a maior importação de vidros para ler coincidiu, com efeito, com a maior produção e importação de livros, revistas e jornais” (idem, p. 206). Cultura material e cultura intelectual imbricadas.

Diferenças econômicas e de gosto também mediavam a entrada de tais influências. A ordem para serem arrancadas as gelosias em seis meses não atingiu as “casas menores, apenas superiores em solidez ou consistência às palhoças ou aos mucambos dos indivíduos ou das famílias extremamente pobres” (idem, p.199). Assim, observa-se que “em 1820 ainda havia no Rio de Janeiro pelo menos um sobrado com as primitivas rótulas [...] anos depois desse observador inglês, o norte-americano Daniel P. Kidder notou na capital do Pará que as janelas de rótula eram mais comuns que as de vidro...” (FREYRE, 2000a, p.199)

Algo semelhante ao que ocorre com a revolução dos hábitos alimentares. De um lado, uma série de produtos recebidos dos navios de Liverpool aparecerá nos anúncios de jornais dos últimos anos do Brasil-Colônia e primeiros decênios do Império, como “presuntos de Yorkshire, salmão de escabeche, batatas de Jersey, água mineral de Selter em botija”, entre outros (FREYRE, 2000a: 196). Produtos que vieram abastecer casas inglesas no Brasil, “dando aos brasileiros exemplos primorosos de ‘passar bem’, que foram logo imitados pela gente mais fina”, acostumadas a manter nas despensas o necessário para o gasto imediato. Entretanto, grande parte dos brasileiros preferia – ou era obrigada a preferir por sua situação econômica – o bacalhau, o

charque e a farinha de mandioca a essas iguarias, o que fez com que os ingleses não se descuidassem em suprir o mercado brasileiro, cujo transporte de bacalhau de Portugal e de carne seca do Rio da Prata foi monopolizado por eles. (cf. idem, p.197). É bom lembrar que muitos ingleses vindos para o Brasil, animados não apenas por um espírito arrogante e imperialista, mas também aventureiro e heróico, enfatizado por Freyre, “familiarizaram-se com costumes culinários da gente rústica a ponto de se tornarem apreciadores de quitutes os mais regionais, mesmo cozinhados em sujas ou gordurentas panelas de barro por mão de negra ou de *cunha*” (idem, p. 118), apreciando carne de tatu e paca, laranjinha e tabaco preto da terra, açai, e até mesmo carne de papagaio, ou de macaco com pimenta Caiena. (cf. idem, pp.118-119)

Adaptações de ingleses a costumes de matutos e sertanejos teria sido comum entre os engenheiros civis, tanto o portuário como o ferroviário, o sanitário como o técnico de fundição ou fábrica, responsáveis pelos começos de modernização das condições materiais da vida do brasileiro, talvez os mais merecedores de estudo da influência do *mister* no Brasil. Além dos alimentos, dormiram, como qualquer caboclo ou sertanejo, em rede de fibra de buriti, e banharam-se “muito brasileiramente num riacho onde também se refrescava o gado”, se acautelando contra as piranhas (cf. idem, p.101). Outro traço brasileiro assimilado pelos ingleses foi o “guarda-pó”, túnicas ou sobretudos de algodão, linho e até seda, brancos entre os viajantes mais opulentos e ilustres, usados para se resguardar da poeira da viagem de trem. O guarda-pó foi a tal ponto incorporado pelos ingleses que Gilberto confessa ter suposto de origem britânica ou indo-britânica. (idem, p.104)

O trem mereceu a atenção considerável de Gilberto a respeito das trocas entre brasileiros e estrangeiros. O complexo ferroviário, com suas novas ferramentas e objetos, foi responsável pela adoção de palavras inglesas, aportuguesadas na pronúncia ou alteradas no seu significado. Foi assim com o nome do fabricante de locomotiva Baldwin, que passou a designar toda locomotiva ou qualquer outra máquina grande e poderosa como “balduína”, ou até homem forte, daí os “José Balduíno, Antônio Balduíno, João Balduíno” no país. Também a palavra *sleeper*, transformada em *sulipa* (dormente), passando, porém, do vocabulário ferroviário ao erótico ou fálico. E muitos outros anglicismos adaptados: “*breque, macadame, bonde, tílbur* (do nome do inventor)”, entre outros. (idem: 102). As estradas de ferro no país contribuíram também para o ensino de técnicas e ofícios estrangeiros para os matutos brasileiros, e proporcionam uma valorização e regulamentação, ainda que precária, do trabalho livre no Brasil, na medida em que os primeiros subordinados dos engenheiros estrangeiros eram seus próprios contrerrâneos.

As ferrovias representaram a negociação constante entre brasileiros e estrangeiros, não apenas entre matutos e engenheiros, mas também entre estes e os senhores de engenho. Os senhores “mais lúcidos” tentavam atrair o interesse dos ingleses, promovendo jantares e longas conversas, no intuito de que suas fazendas ou engenhos “fossem beneficiadas com estações ou pontos de parada, mesmo à custa de alguma curva caprichosa da estrada em construção” (idem, p.125). A cortesia era recíproca: os ingleses, necessitados de “pedreiros, canteós, carapinas e pintores”, como também de bois para transporte, propunham acordos com os senhores. Famosos opositores da escravidão, os ingleses se mostravam neste quesito bastante cordiais ao sistema. “A Revolução Industrial a tratar bem a Reação Feudal numa troca de favores ou serviços, verdadeiramente curiosa”. (idem, p.116)

No contexto pernambucano da presença do engenheiro Louis Léger Vauthier no Recife (1840-1846), este tipo de relação contemporizadora entre técnicos franceses e o contexto patricarcal-escravocrata brasileiro, ainda quem em declínio, é exemplificada nos projetos de implementação de um plano de comunicação no país. Em uma região dominada pela monocultura, latifúndio e escravidão, indiferente e até hostil à facilidade e rapidez das comunicações, Vauthier percebia o desinteresse da economia particular, caracterizada como “blocos de privatismo e de rotina”, restando à Administração da Província as melhorias necessárias das estradas. A especialização da produção entre o Norte e o Sul de Pernambuco exigia o estudo da disposição dos engenhos, povoações, fábricas, casas e rios, ou seja, de um estudo da economia *regional*. As estradas que os técnicos franceses planejavam construir tinham função de elevação social, de intercomunicação social, ao conquistar engenhos isolados e feudais,

alguns sob o domínio de famílias quasi mysticamente endogamicas, que julgavam não haver salvação fora do seu sangue, nem valor material nenhum do mundo além do de suas terras e de seus bois, nem poder espiritual superior ao dos santos de sua capella; e que já apresentavam peculiaridades, nem todas attrahentes, de typo physico e até de forma de linguagem, devidas ao excesso de endogamia, de segregação, de isolamento.(FREYRE, 1940, p.180)

Assim é que Vauthier, preocupado com a velha economia privada, patriarcal, escravocrata, que seria desprestigiada com a construção de estradas, faz suas estradas em “ziguezagues”, o que demonstra sua capacidade de contemporização com a economia patriarcal – cujos excessos repugnavam seu socialismo. (Cf. FREYRE, 1940, pp.178-179)

Engenheiros e técnicos ganham espaço relevante nas duas obras: teriam agido “não só como técnicos na especialidade de cada um, porém como agentes transmissores de valores – e não apenas como propagadores das inconveniências” da civilização européia. (idem, p.105) Tais aventureiros e heróis seriam responsáveis pela introdução de inúmeros benefícios em técnicas e hábitos no âmbito da arquitetura, dos transportes e até de higiene. Gilberto quer demonstrar como a influência das máquinas “foi a influência de uma mística e não uma simples influência concreta ou material” (FREYRE, 2000a:77), e como ao lado da influência intelectual, artística e ideológica da França, seus revolucionários e sua alta cultura foi acompanhada da introdução de técnicas e ofícios ligados ao cotidiano até na esfera mais íntima da vida doméstica, como o caso do vaso sanitário conhecido como *cambronne* em Pernambuco (cf. FREYRE, 1940: 33). A questão de Freyre, intrigante e inexplorada, é: como pode a atividade de um engenheiro, que foi essencialmente material, deixar marcas espirituais ou imateriais na cultura? (cf. PALLARES-BURKE, 2011, p. 21)

Como foi sugerido até aqui, essas marcas não indicam simplesmente o interesse comercial dos estrangeiros. Como vimos nesses processos de negociações, os ingleses, “admiráveis revolucionários contemporizadores”, bem como os franceses, com seu talento de assimilação e irradiação das artes exóticas, souberam ao mesmo tempo conservar o que havia de bom e introduzir a novidade útil ou agradável. Foi por exemplo o que fizeram com as casas de residência suburbana, com os jardins, com o mobiliário (cf. FREYRE, 2000a, p. 23; FREYRE, 1940, p.22).

Assim, a progressiva valorização dos objetos estrangeiros no Brasil não se faz de maneira arbitrária, como uma via de mão única. No início, sim, os primeiros artigos trazidos por ingleses ao mercado do Rio de Janeiro chamaram a atenção de observadores por sua profusão e baixos preços. Esses primeiros artigos postos à venda em nossa praça eram aqueles “melancolicamente encalhados nas lojas devido ao excesso de *stock* – alguns já fora de moda em Londres ou em Paris”. Se nos primeiros anos de entusiasmo “fabricantes ingleses chegaram a confundir [...] o Brasil com a Sibéria”, trazendo para cá até mesmo patins de gelo, o Brasil irá passar progressivamente de mero local de escoamento de mercadorias inglesas para um virgem e rico mercado bastante promissor e bem mais interessante. (cf. FREYRE, 2000a, p.198). Outro exemplo quanto à substituição “suave” de objetos: se em *SM* Gilberto enfatiza a substituição do violão pelo piano inglês, em *IB* aparece o fato dos gringos tornaram-se entusiastas do nosso jacarandá na fabricação das caixas de seu luxuoso instrumento, e de serem executadas modinhas brasileiras e não apenas partituras da música erudita européia.

A própria questão das cores das roupas passa por transformações entre as duas obras: se o preto predomina no século XIX, e o luto em *SM*, é o brim branco que prevalecerá no início do XX, e lembrado em *IB*. Ingleses de Manaus, Belém, Recife, Salvador, Rio de Janeiro começam “a alvejar, nessas cidades brasileiras, desde o fim do século XIX, entre fraques solenemente pretos; casacas ainda mais solenemente negras, paletós também tristonhamente escuros...” (FREYRE, idem, p.30). Ingleses que, no Brasil, “tornaram elegante a roupa de linho branco para os longos dias quentes do Rio de Janeiro e do Norte, quebrando o apego quase místico do antigo aristocrata ou burguês brasileiro aos trajes escuros e pesados da Europa, à sobrecasaca, à cartola, à botina”, e que “aqui propagaram os sapatos brancos e leves, por algum tempo chamados ‘sapatos de inglês’” (FREYRE, 1942, p.25). Tão adequados às tardes brasileiras de calor quanto a cerveja, que aqui também divulgaram.

A percepção do inglês como esse agente paradoxal da tropicalização ecológica, vale notar, está presente na nota do autor à 2ª edição do livro sobre os ingleses, escrita em 1976, que revelaria o auge do otimismo de Freyre segundo Pallares-Burke (2005, p.424). Neste prefácio do autor, ao associar a “habilidade de contemporizar, harmonizar e equilibrar antagonismos”, característica dos ingleses na forma do *compromise*, com o “jeito” brasileiro, Gilberto veria o Brasil como continuador e até superador da Inglaterra, ao projetar no mundo “a imagem de uma vasta nação unida pela mesma língua e pela adesão a não poucos valores de cultura comuns à sua numerosa gente”. (FREYRE, 2000a, p.32-33)

Para encerrar aqui as indicações de um desenvolvimento desigual das apropriações, explico o contraste entre os aspectos exteriores e ornamentais da vida brasileira e a recepção de ideias, seja pelo contato com livros franceses e ingleses evidentes nos anúncios de jornais, seja pela própria presença de estrangeiros no país, alguns deles participando diretamente de nossas revoltas liberais. De um lado, era evidente que artigos ingleses e franceses influenciavam a moda brasileira, nos hábitos, penteados, mobiliário e vestuário. Os franceses, em especial, teriam se especializado em artigos menos “sisudos” que os ingleses, como revela o anúncio da loja Dillon Irmãos importadores:

“chales de lã, colxas bordadas, camizinhas de setim e seda enfeitadas, peças de barége escossês...meias de seda lisas e bordadas, lenços de seda e garça modernos, lenços de filô bordados de prata e ouro, luvas cumpridas de pelica branca...vestidos de cassa com guarnição de folha bordada, peças de setim lisas assortidas de cor...sapatos de setim com fitas e chapéus de palha de Italia para Senhoras” – gênero de commercio que franceses dominaram quase sozinhos, no Rio de Janeiro e em Pernambuco, fazendo, no Rio, da rua do Ouvidor uma rua de modas francesas – especialmente para senhoras – e no Recife, espalhando pela Rua Nova, na ultima caza no pé da ponte da Bôa Vista”[...]. Outro importador de artigos franceses no Recife da mesma epoca juntava, segundo annuncio no Diario, a “vestidos de cassa, bordados ricos, bretanhas francezas..., chapeus de sol de seda de todos os tamanhos, challes finginlo lãs de Camello”, esta especialidade brasileira, quase indígena: “guarnições de flores de pennas para vestidos muito ricas, feitas na Bahia”. Novo exemplo de combinação “brasilo-gallicana”, ignoramos se de bom ou mau effeito artístico. (FREYRE, 1940, 47)

Mas, enquanto as modas inglesas e francesas operaram “no sentido de nos artificializar a vida, de nos abafar os sentidos e de nos tirar dos olhos o gosto das coisas puras e naturais”, o contato com as *ideias* nos trouxe “noções mais exatas do mundo e da própria natureza tropical. Uma espontaneidade que a educação portuguesa e clerical fizera secar no brasileiro” (FREYRE, 2000b, p.342). Neste ponto percebe-se um contraste com o recorrente elogio à influência portuguesa no modo geralmente plástico de formação harmoniosa do brasileiro. A educação dos jesuítas, por exemplo, que procurava fazer dos meninos da colônia e dos índios não apenas conhecedores da doutrina cristã, mas também hábeis na retórica e no latim, conservavam-se em uma esfera intelectual e até mística um tanto artificial e pouco prática, que não chegava a preparar, porém, esses meninos, para o mundo. Ao contrário,

durante o tempo em que estiveram em contacto com os indios brasileiros, os franceses em vez de compêndios de latim e de rhetorica puseram nas mãos dos selvagens ferramentas e armas européas e ensinaram-lhes officios. A apparente contradicção talvez se explique pelo facto de que ao romantismo e ao ‘naturalismo romantico’ de que muitos franceses da epoca nos apparecem impregnados nas suas attitudes e no seu comportamento deante dos povos exóticos, repugnava o intellectualismo nas suas formas mais caracteristicas, a civilização nos seus productos mais maduros. A taes romanticos pareceria que as ferramentas, ligadas por elles – sob a influencia da ideologia evangelica – á dignidade do trabalho manual, não seriam nunca capazes de corromper o que havia de bom, de nobre, de bello no primitivismo dos indios. Nem as ferramentas nem os livros simples. Mas nada de compendios subteis nem de latim antigo, pensariam elles; e neste ponto de accordo com os franciscanos... (FREYRE, 1940, p. 30-31)

Considerações finais: indicações de pesquisa

A citação acima realça, sobretudo, a diferença de interpretação sobre a influência dos elementos estrangeiros sobre o Brasil, que passa de uma educação realista, mais “dura”, para uma intervenção mais romântica e idealista entre os franceses, disseminadores da tese do “bom selvagem”. Faz parte, portanto, do que tenho proposto como indicação da pesquisa de doutorado em andamento, da passagem da mudança na interpretação dos “antagonismos em equilíbrio” para uma unidade totalizadora em *SM*, e para um “interpenetração de antagônicas” nas outras obras.

Pallares-Burke aponta, entretanto, para uma inovação de *IB* em relação à *Um engenheiro francês no Brasil*. Segundo a autora, no livro sobre os ingleses, Gilberto demonstraria como uma influência entre duas culturas não se dá como uma via de mão-única, da mais rica e poderosa para a mais atrasada e subordinada. A penetração da cultura brasileira pela britânica, embora feita geralmente de modo suave, encontraria resistências, o que levou os ingleses a acomodarem a cultura local em seu próprio sistema, penetrado pela cultura mais pobre. No livro sobre os franceses, ao contrário, Gilberto não teria sido consciente das nuances envolvidas em tais encontros culturais, nem seu prefaciador Paul Arbousse-Bastide teria sido sensível às influências que a cultura francesa teria recebido da brasileira, mostrando-se entusiasmado somente com a demonstração do talento da França, uma cultura avançada e formada, em assimilar e irradiar os traços menos conhecidos de uma cultura em formação, a brasileira. (cf. PALLARES-BURKE, 2011, 31; FREYRE, 1940, p. 22)

Apesar de a autora demonstrar elementos na obra de Gilberto que explicitariam esta diferença entre as obras, realçando os franceses como “revolucionários radicais e absolutos” e os ingleses “revolucionários contemporizadores”, o ponto merece atenção, que aqui ainda não será desenvolvida. Como indicação, fica a nota de Freyre, de “um gosto e um entusiasmo desenvolvido na França, entre a gente mais cosmopolita e mais cheia daquelle espírito romântico ou de aventura exótica que certo typo de francês sempre soube unir ao senso pratico, ao apego às tradições nacionais e às coisas regionais”, “entusiasmo seguido de imitação da cultura atrasada pela adeantada” (FREYRE, 1940, p.24).

Interessante notar como estes franceses e ingleses são como imagens refletidas de Gilberto Freyre, tanto no que se refere à postura contemporizadora quanto ao modo de relacionar vida social ou espiritual e vida material. Isso acontece, por exemplo, com Vauthier, para o qual os problemas de engenharia eram vistos e tratados em articulação com problemas sociais e humanos, num tipo de observação denominada por Freyre como “ecológica”. Ou nos personagens escolhidos no texto *Ingleses* (1942). Neste caso, a capacidade contemporizadora de equilibrar contrastes aparece em níveis diversos em cada novo personagem descrito, ingleses que são, a um só tempo, práticos e platônicos, românticos e racionalistas, anjos e demônios, dotados de um singular “gênio angélico de combinação do novo com o velho; do complexo com o simples; do natural com o artístico; do quotidiano com o fantástico”. (FREYRE, 1942, p.22)

Muitos pontos da análise de Gilberto Freyre sobre a presença dos objetos na vida cotidiana e sua relevância no contato cultural e no desenvolvimento de um povo, não foram tocados neste texto. A alimentação, os brinquedos, as plantas nos jardins de residências e nas cidades, os objetos religiosos, os retratos, as músicas e os instrumentos musicais, são alguns exemplos que merecem maior atenção, entre tantos outros. Essas páginas são indicações iniciais da pesquisa que pretende explorar todo o mosaico de objetos, métodos e formas de escrita desse tipo de detetive que se entrega ao luxo dos pormenores; desse viajante, dotado de “veneta para namoros tão demorados” exigidos pelas “cidades acanhadas” do mundo material (cf. FREYRE, 1961). Outros viajantes na sociologia poderiam ser aliados a esta perspectiva, que sugere uma relação equilibrada entre a força, a concretude, a realidade de seus objetos, e a capacidade de inventividade e imaginação sociológica desses olhos curiosos, “olhos ingleses”, ou seja, “olhos antropológicos”, dotados de um “senso de distância”, equilibrados com uma empatia, uma espécie de amor ao mesmo tempo físico e místico com seu objeto (cf. Pallares-Burke, 2011, pp. 21 e 25). Uma obra de imaginação, como é a reconstituição do interior de uma residência inglesa no Rio de Janeiro, que Gilberto realizará a partir do silêncio discreto do relato de um visitante, cujas lacunas são preenchidas com os recortes de anúncios de

leilões. Gilberto prossegue em um extenso parágrafo de pouco mais de uma página inteira, a descrever os adornos, utensílios, os quartos, a cozinha, os remédios, livros do inglês Mr. Pice, imaginados a partir dos anúncios desta importante instituição que foram os leilões, “onde o brasileiro sem esforço se impregnava do gosto europeu mais moderno”. Dessa maneira, aliando materialidade e inventividade, o estudo adquire aquela dupla vantagem dos estudos dos fenômenos como fatos sociais totais: o da generosidade e o da realidade (cf. Mauss, 1974, p.181).

Bibliografia

Araújo, Ricardo Benzaquen de. (1994), Guerra e paz: Casa grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. 1ªed. São Paulo: Ed.34.

_____ (1942), Ingleses. 1ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

_____ (2000a), Ingleses no Brasil. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade.

_____ (1963). On The Iberian concept of time. Chapel Hill: United Chapters of the Phi Beta Kappa. p.415-430. Disponível em http://www.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/iberian_concept.htm. Capturado em julho de 2011.

_____ (1940), Um engenheiro francês no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

_____ (2000b), Sobrados e mucambos. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Record.

Pallares-Burke (2005), Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos. São Paulo: Unesp.

_____ (2011), The English in Brazil: A Study in Cultural Encounters in Portuguese Studies, Vol. 27, Nº 1, Papers from the Gilberto Freyre Conference and other essays.

Mauss, Marcel. (1974) Ensaio sobre a dádiva In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EDUSP.

Stewart, Susan. (2007), On longing: Narratives of the Miniature, the Gigantic, the Souvenir, the Collection. Durham and London: Duke University.